

Capítulo 7

O QUARTO DE JACK: REFLEXÕES SOBRE INFÂNCIA E GÊNERO A PARTIR DO HABITAR, DESCONSTRUIR E BRINCAR

Aline Regina Gomes
Cibele Noronha de Carvalho

Introdução

As discussões em torno da infância vêm crescendo significativamente como forma de compreensão dos fenômenos sociais frente à complexidade e à diversidade das sociedades contemporâneas. A constituição mais recente do campo interdisciplinar dos estudos da infância é fruto desse processo, que conta com contribuições advindas das ciências humanas e sociais.

Nesta perspectiva, a criança vem sendo concebida como sujeito social, reflexivo, que se apropria da linguagem e da cultura ao seu redor, conferindo sentidos e significados às suas próprias experiências (CORSARO, 1992; MAYALL, 2008). A infância, por outro lado, é uma categoria geracional permanente da sociedade: as crianças crescem, mas a infância nunca deixa de existir (QVORTRUP, 2011). Decorre daí que não se trata apenas de um período da vida humana, mas de uma categoria estrutural que, assim como o gênero e outros marcadores sociais, contribui para a compreensão das desigualdades.

Pesquisas recentes vêm se ocupando em compreender o entrelaçamento entre as noções de masculinidade e de feminilidade e a categoria infância

(GUIMARÃES, HIRATA, SUGITA, 2011). Ao considerar as aproximações entre os estudos da infância e os estudos feministas, autoras como Leena Alanen (2001) e Rita Marchi (2011) chamam atenção para o fato de que, além de serem reduzidas à sua condição biológica, mulheres e crianças estiveram, durante muito tempo, excluídas da produção científica. A recente consideração do ponto desses sujeitos nas pesquisas tem contribuído para a compreensão das formas de dominação a que estão submetidos, providência fundamental para oportunizar a emancipação epistemológica e social. Conforme Ana Claudia Oliveira (2011), os estudos explicam as assimetrias das experiências masculina e feminina na sociedade, sendo necessário reconhecer que meninas e meninos “estabelecem relações estruturais e simbólicas que resultam, por sua vez, em práticas sociais diferenciadas e mediadas pelo gênero” (OLIVEIRA, 2011, p. 82).

O objetivo do presente texto é propor uma reflexão sobre *O Quarto de Jack* (2015) – filme norte-americano que aborda a experiência de uma mãe e seu filho, submetidos a cárcere privado, a partir do ponto de vista da criança. A perspectiva teórica assumida é a dos Estudos da Infância, campo no qual se inscrevem as autoras, em interface com os Estudos do Cuidado em uma perspectiva feminista.

Para isso, propomos três guias discursivos: habitar, desconstruir e brincar, uma livre referência à conferência “Construir, Habitar e Pensar” (2001) do filósofo alemão Martin Heidegger. Realizada em 1954, nela o autor defende o construir e o habitar como atividades intrinsecamente humanas que fornecem as condições de possibilidade para o pensar. Neste texto, sugerimos que as crianças chegam a um mundo já construído, onde vão habitar, mas que, sobretudo em contextos de violência, esse mundo precisa ser desconstruído, para, em seguida, ser recriado. No

entanto, ao considerar a dimensão do pensar, sugerimos o brincar como a atividade propriamente infantil de (re)elaboração do mundo.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Room
Nome Traduzido	O Quarto de Jack
Gênero	Drama
Ano	2015
Local de lançamento e Idioma original	EUA, inglês
Duração	1h58min
Direção	Lenny Abrahamson

O longa-metragem *O Quarto de Jack* foi lançado em 2015, sendo uma adaptação cinematográfica de Emma Donoghue para o livro intitulado “Quarto” (*Room*), também de sua autoria. A narrativa baseia-se no caso que ficou internacionalmente conhecido como caso Fritz - história verídica de Elisabeth Fritz, trancada e violentada durante décadas pelo seu próprio pai, com quem teve sete filhos.

Jack (Jacob Tremblay), um menino de cinco anos, e sua mãe Joy (Brie Larson) vivem em um cativeiro onde ela é abusada sexualmente pelo Velho Nick. Embora o menino acredite em uma história fantasiosa contada por sua mãe sobre a realidade em que vivem e o seu nascimento, a espectadora é levada a compreender que o próprio Jack é gerado a partir dessa relação abusiva. A primeira hora do filme corre no interior desse “quarto”¹², com

¹² Ao longo do texto, usaremos o termo “quarto” entre aspas para demonstrar que, embora se trate de um cativeiro, o espaço é assim designado e vivido por Jack. A propósito, se o título original em inglês *Room* denota esta ambiguidade, a tradução para o português, *O Quarto*

enquadramentos fechados que provocam na espectadora uma sensação quase claustrofóbica, embora Jack acredite que, na verdade, não existe um mundo exterior.

Em cenas com pouquíssima luminosidade, são relevadas as rotinas construídas entre mãe e filho ao longo de cinco anos. O menino corre e brinca pelo seu “quarto”, explorando o espaço e se entregando à sua imaginação. Móveis e objetos assumem um caráter anímico, próprio da perspectiva infantil, sendo inclusive grafados com maiúscula no livro que deu origem ao roteiro. As paredes são decoradas com desenhos de Jack e no chão percebemos uma cobra construída com cascas de ovo. Joy aparece ocupada com os cuidados com o filho e com os serviços de uma casa que, a não ser pela escassez de luz, aparenta ser convencional.

A rotina se altera quando o Velho Nick conta a Joy que perdeu o emprego, algo extremamente preocupante, dado que mãe e filho dependem desse homem para a provisão e a sustentação da vida. Diante desse novo risco, Joy planeja uma fuga do cativeiro, treinando Jack para se fingir de morto, com o objetivo de que seu corpo seja levado para fora do “quarto” pelo Velho Nick. A estratégia dá certo e Jack experimenta no corpo a amplitude do mundo exterior. Em uma das cenas mais memoráveis do longa, que também demarca uma significativa mudança na narrativa, o céu, antes visto apenas através da claraboia, se mostra de tal forma amplo e claro que o ofusca e até mesmo assusta o menino.

A metade final do longa retrata a vida dos dois após a saída do “quarto”, explorando a complexidade da adaptação à nova vida, fora do cativeiro. Enquanto Joy precisará lidar com a família, a opinião pública e a imprensa, Jack investirá progressivamente em novas relações,

de Jack, sugere que o espaço é significado pela criança, podendo ser outro para os adultos.

processos que ocorrem em meios a conflitos internos e interpessoais. Surgem novos personagens que compõem uma rede de apoio familiar em torno de Joy e Jack, com destaque para os pais de Joy (a mãe dela, interpretada por Joan Ellen, e o pai, por William Macy), que se separaram enquanto a filha estava desaparecida. Também surge o namorado da avó, Leo (Tom McCamus), que embora não tenha laço de sangue com a criança, é uma das primeiras pessoas a conseguir uma aproximação com Jack.

A narrativa segue mostrando a progressiva ampliação da perspectiva de Jack, até que, por desejo seu, ele retorna ao antigo cativo e não vê ali mais um “quarto” de criança, senão um galpão demasiadamente pequeno.

Análise Crítica

Habitar o construído

O ser humano nasce em um mundo dado, formado por materialidades e discursos preexistentes, que compõem um patrimônio cultural material e imaterial construído há gerações (CONERTON, 1993). Os espaços, os objetos e as palavras que nos cercam nos primeiros anos de vida podem nos acolher ou nos oprimir, nos situar ou nos desorientar, apontar caminhos ou nos confinar. Isso porque as condições de existência que nos são oferecidas são atravessadas por sistemas de dominação (BOURDIEU, 2012), estabelecidos de acordo com marcadores sociais como gênero, classe social, raça ou mesmo grupo etário. Seja lá como for, essa conjuntura compulsoriamente apresentada marca a nossa trajetória e se inscreve na nossa memória, informando (mas não determinando) circunstâncias futuras (BERGER; BERGER, 1977).

No caso de Jack, as circunstâncias de seu nascimento são dadas pela violência sexual sofrida por sua mãe, com quem ele vive em um cativeiro apertado, mal iluminado e insalubre, onde a violência não para de se repetir. Nesse espaço, ocorrerá a construção negociada (e, por vezes, disputada) da narrativa sobre a chegada dessa criança e seu lugar no mundo. Essa narrativa não é construída apenas com palavras, mas também se expressa nos espaços e objetos que são ali dispostos, sempre de acordo com uma intencionalidade previamente dada (HEIDEGGER, 2001).

Assim, enquanto o espaço em que Jack vive é inequivocamente informado pela intenção do sequestrador, que mantém mãe e filho presos em um galpão trancado e isolado acusticamente, Joy prepara nesse espaço inóspito um “quarto” para seu filho, imprimindo nele sua narrativa, qual seja, que os dois não saem dali porque, fora dele, só existe o espaço sideral.

E Jack? Desconhecendo a realidade devastadora a que está submetido e as possibilidades que estão disponíveis para uma criança de sua idade, o garoto habita esse espaço onde duas intenções se sobrepõem: ser um cativeiro para o velho Nick e ser um “quarto” de criança preparado por sua mãe.

É a partir dessa sobreposição de intencionalidades, evidentemente contraditórias, que a criança irá construir seu próprio lugar no mundo e escolher as palavras com as quais irá nomeá-lo. O cuidado (ou a falta dele) aparece aqui como critério de distinção entre essas intencionalidades: de um lado, o cuidado da mãe pelo filho e, por outro, a evidente ausência de cuidado por Joy, dado que se trata de uma mulher, vítima de múltiplas formas de violência cometidas por um homem que a objetifica.

As relações intergeracionais modernas são caracterizadas pelo cuidado com os mais novos, cuja motivação pode ser mais ou menos necessária, indo da

manutenção da vida ao bem-estar de quem é cuidado (ZELIZER, 2012). Embora frequentemente se imponha como uma urgência do presente, a manutenção da vida também pode ser concebida como uma ação prospectiva, que visa um tempo futuro, dado que as crianças são cuidadas também para que ocorram mudanças significativas nas disposições do indivíduo (QVORTRUP, 2010).

Assim, em *O Quarto de Jack*, o cuidado de Joy se expressa nas tarefas de alimentação e higiene, nas atitudes educativas, e até mesmo na decisão de não lhe revelar a gravidade da situação em que vivem, dado que proteger as crianças de assuntos sexuais e violentos é um valor inegociável das sociedades modernas, urbanas e ocidentais (ARIÈS, 1981).

Se o cuidado intergeracional se dá imbricado ao *status* dual das crianças no tempo (MAYALL, 1998), atendendo simultaneamente às demandas do presente e do futuro, a clivagem do gênero também aponta como essencial para a compreensão das relações entre crianças e adultos. Não por acaso, a personagem de Joy é, simultaneamente, uma mulher objetificada pelo patriarcado e a cuidadora de uma criança.

A clivagem do gênero nos Estudos do Cuidado foi, em sua maior parte, problematizada por pesquisadoras feministas do final do século XX, que reivindicavam direitos iguais aos dos homens. Nessa perspectiva, a consideração do cuidado como um atributo naturalmente feminino, dentre outros aspectos, passa a ser questionada em pesquisas interdisciplinares desenvolvidas no campo das Ciências Sociais (GUIMARÃES, HIRATA, SUGITA, 2011).

A chamada “voz ética do cuidado”, ideia proposta pela feminista norte-americana Carol Gilligan (2021) surge para designar a construção social da “personalidade feminina e maternal”, fundamentada na experiência das mulheres,

experiência esta singular, irredutível, baseada no concreto e nos sentimentos, que de forma alguma configura uma característica biológica (HIRATA, 2010; DUMONT-PENA, 2015). Além disso, não se reduzindo a um mero fator de diferenciação, o cuidado se converte ainda em um informante de desigualdades de gênero, mas também de classe social e de raça ou etnia (TRONTO, 1993; FARIA, MORENO, 2010).

Desconstruir o inabitável

Quando Jack completa cinco anos, Joy percebe que o “quarto” se torna cada vez mais inabitável. Planejando uma fuga, ela altera a sua estratégia, revelando ao filho as circunstâncias em que vivem: havia um mundo lá fora, com pessoas amorosas, bichos, plantas e inúmeras possibilidades, mas que eram impedidos de sair pelo Velho Nick. Nesse momento, a mãe desvela o inabordável para uma criança e se refere ao “quarto”, espaço socialmente considerado imprescindível para o crescimento de uma criança em grande parte das sociedades urbanas da cultura ocidental moderna (CARVALHO, 2019), como um “galpão”.

Emocionalmente vinculado ao espaço onde passou os primeiros anos de sua vida e à história de seu nascimento, o menino rechaça prontamente a realidade, para, em seguida, colocar em marcha o exercício de reelaboração que lhe permite assentir com a estratégia de fuga, apesar dos riscos que ele mesmo já consegue dimensionar.

A efetivação do plano, que acontece na metade do filme, não garante um final feliz. Ao contrário, surgem novos problemas e readaptações ligados, sobretudo, ao restabelecimento dos vínculos afetivos e das relações estabelecidas com a sociedade mais ampla. Mais uma vez, trata-se de negociar a narrativa dos acontecimentos, mas,

desta vez, Jack e Joy estão diante dos imperativos sociais relacionados aos papéis de gênero e geracionais. Por que Jack não brinca como todas as crianças? Por que não corta os cabelos como os meninos? Será que Joy foi sequestrada porque sua mãe a ensinou a ser boazinha demais? Por que o avô de Jack não consegue encarar o neto? Podemos dizer que Jack é filho de Nick ou ele seria apenas filho de Joy?

No curso desse processo, Joy concede entrevistas em busca de recursos financeiros e é questionada sobre a (suposta) decisão de criar o filho quando, de acordo com a entrevistadora, teria sido melhor para a criança que a mãe solicitasse ao Velho Nick o encaminhamento do menino para adoção. Aqui, vale lembrar de outra história verídica, a de Natascha Kampuschr, menina austríaca sequestrada e que ficou presa em cativeiro dos 10 aos 18 anos em um porão da casa do raptor. Após sua fuga, também motivada pela retribuição financeira, Natascha participou de entrevistas e chegou até mesmo a ter seu próprio programa de televisão, sendo frequentemente criticada por lucrar com seu próprio sofrimento. No entanto, a responsabilidade ética dos meios de comunicação em relação às pessoas em situação de vulnerabilidade, que evidentemente são atravessadas por ambiguidades decorrentes de suas vivências, raramente lhes é cobrada.

A ressonância da realidade na ficção evidencia as diversas formas de revitimização a que mulheres e crianças vítimas de violência são expostas. O termo revitimização surgiu para dar conta do sofrimento continuado ou repetido das mulheres em situação de violência em instituições de denúncia e acolhimento como delegacias, abrigos, Ministério Público e órgãos do Judiciário (CUNHA, PINTO, 2008). Porém, a revitimização também contribui para compreender a ressonância da violência em outras instâncias. No que diz respeito à mídia, que

frequentemente centra a discussão no passado na vítima e compromete o direito dela à privacidade e ao esquecimento, a eficiência da violência simbólica decorre do fato de sua naturalização e invisibilidade, além de, frequentemente, contar com a anuência do dominado (ALCZUK *et al.*, 2022).

Em todo caso, a revitimização evidencia a ausência do cuidado nas instituições e revela o caráter estrutural da desigualdade de gênero. Isso porque, a dominação masculina em relação às mulheres constitui a subjetividade dos indivíduos e se manifesta por meio de práticas culturais, conscientes e inconscientes, mesmo dos agentes mais bem intencionados. Sobre isso, aliás, é interessante notar que grande parte das críticas dirigidas ao filme gira em torno de questionamentos dirigidos às ações da personagem Joy (imaginadas, evidentemente, por outra mulher, a roteirista Emma Donoghue): Deveria Joy ter feito um aborto? Deveria ter contado a verdade à Jack?

Reconstruir, reelaborar: o brincar

Após a entrevista, Joy tenta tirar a própria vida e é hospitalizada. Essa sequência de acontecimentos faz pensar em como o narrar, que manifestamente enseja um processo de elaboração e reelaboração, não se faz sem consequências, mas, ao contrário, produz efeitos. Se para os adultos esse processo se faz prioritariamente por meio das palavras, a experiência infantil em geral é expressa pela linguagem do brincar (DOLTO, 2002). Assim pensado, o brincar, que é uma atividade da imaginação, não é concebido “como um divertimento caprichoso do cérebro, algo que paira no ar, mas como uma função vitalmente necessária” (VIGOTSKI, 2014, p.10). Essa dimensão do brincar se mostra ainda mais operante quando pensamos

na relação entre as atividades lúdicas de/para crianças em situação de desastres (ORTIZ-LOPES 2020; PAVAN 2009; GOMES, BIZZOTO e XAVIER, 2022; VALÊNCIO, 2009). Frequentemente tomadas como mera forma de silenciamento dos sentimentos negativos, compensação emocional ou distração da criança para que os adultos resolvam seus problemas, as atividades propostas nesses contextos muitas vezes tomam forma de uma atividade festiva, barulhenta e invasiva.

Assim, não é por acaso que, fora do “quarto” e distante de sua própria mãe hospitalizada, Jack brinque de construir e montar. O que ele constrói? Seria uma memória do galpão que lhe serviu de cativeiro?

Para Vigotski (2014), ainda que o brincar frequentemente expresse uma dimensão rememorativa, o que se produz com a brincadeira nunca é uma mera repetição do passado, mas uma reelaboração criativa de experiências que, combinadas, produzem uma outra realidade. Não se tratando de passatempo, alienação da realidade ou distração, essa atividade combinatória seria conformada pelos desejos e necessidades da criança.

No caso de Jack, é evidente que a cena do brinquedo de construir remete a alguma lembrança do espaço opressivo em que o personagem foi confinado durante os primeiros anos de sua vida. No entanto, se ele foi impedido de sair do “quarto”, conhecer o mundo e se relacionar com outras pessoas além de sua mãe, podemos nos perguntar que outra experiência possibilitaria a atividade imaginativa, ou seja, a criação de um lugar diferente daquele galpão? É possível pensar que, talvez, essa segunda experiência tenha sido justamente o cuidado de Joy ao criar um lugar para o filho no mundo, um espaço muito mais concebido do que realmente vivido, mas que permitiu a Jack aprender a habitar o mundo, como sugere Heidegger (2001).

Considerações Finais

Ao retratar uma mulher e uma criança em situação de cárcere privado, o filme *O Quarto de Jack* interroga a ideia de que o espaço doméstico é um lugar seguro, por definição. Tal espaço se apresenta na narrativa como uma dimensão de significações disputadas, atravessadas por relações de poder conformadas pelas desigualdades de gênero e geracionais. Se o mundo moderno reservou a vida pública aos homens adultos (SENNET, 1988; GOUVEA, 2008) e a vida privada às mães – de quem é esperado o cuidado pela família –, e seus filhos e filhas, destinatários do direito ao cuidado, decorre daí uma certa cumplicidade entre mulheres e crianças, que são, estatisticamente, as vítimas mais frequentes da violência doméstica. Não por acaso, a violência contra um desses sujeitos, frequentemente repercute sobre o outro.

Por fim, o longa também expõe como a desigualdade de gênero e o adultocentrismo que estruturam o espaço social mais amplo contribuem para a revitimização de mulheres e crianças vítimas de violência nas mais diversas instâncias da sociedade: da família, às instituições de assistência, passando pela mídia.

A violência sexual contra mulheres e meninas brasileiras possui cifras alarmantes e que permaneceram praticamente inalteradas na última década. Segundo o relatório que antecipa dados coletados para o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 relativos à violência letal e sexual de meninas e mulheres no Brasil (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021), entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de covid-19 no país, e dezembro de 2021, somaram-se 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável do sexo feminino. Aludindo mais uma vez a Heidegger (2001), esses

dados apontam para antigas formas de habitar o mundo patriarcal e convidam a uma desconstrução que possibilite novas formas de viver, brincar e pensar.

Por fim, gostaríamos de salientar que o cinema produz sentimentos e sensações produzidos na relação com a subjetividade historicamente situada da espectadora, não se esgotando, evidentemente, a um recurso indutor de reflexões. Também compreendemos que as leituras possíveis da obra são diversas, e que esse texto não faz outra coisa, senão compartilhar a recepção de duas pesquisadoras, mulheres, dedicadas ao campo dos Estudos da Infância.

Referências

ALANEN, Leena. Estudos feministas/estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. In Lúcia Rabelo de Castro (Org.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 2001. pp. 69-92.

ALCZUK, Maria Alice Dantas; MUNARETTO, Marina Avozani; CONSALTER, Zilda Mara. A revitimação midiática e o direito ao esquecimento como ferramenta de proteção das mulheres vítimas de violência de gênero. **Revista Científica do UniRios**, 2022. pp.192-213.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCI, Marialice & MARTINS, José (orgs.) **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1977. pp. 200-214.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CARVALHO, Cibele. Quartos das crianças contemporâneas: a construção de um novo objeto de pesquisa. **Pro-Posições**, v. 30, p. 01-22, nov-2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0176>. Acesso em: 25 de set. 2022.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Editora Celta, 1993.

CUNHA, Rogério Sanchez & Pinto, Ronaldo Batista. **Violência doméstica: Lei Maria da Penha – 11.340/2006** comentada artigo por artigo. 2ª edição. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008.

DOLTO, François. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DONOGHUE, Emma. **Room**. Boston: Editora Little, Brown and Company, 2010.

FARIA, Nalu.; MORENO, Renata. (Orgs.) **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 2010.

GOUVEA, Maria Cristina. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina. (Orgs.). **Estudos da infância**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 97-118.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente: Teoria psicológica e o desenvolvimento feminino**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2021.

DUMONT-PENA, Erica. **Cuidar: relações sociais, técnicas e sentidos no contexto da Educação Infantil**. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UFMG. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-A4CF73> . Acesso em: 01 out. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota Técnica Violência Contra Mulheres Em 2021**. Volume 5, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em 03 out 2022.

GOMES, Aline; BIZZOTTO, Luciana; XAVIER, Poliana. “Para as crianças, distração”: sobre formas de se olhar a infância em contextos de desastres. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 27, n. 2, p. 492–517, mai/ago, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2020.20864> . Acesso em: 30 set. 2022

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 151-180, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752011v1n17> . Acesso em: 01 out. 2022.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HIRATA, Helena. Teorias e práticas do care: estado sucinto da arte, dados de pesquisa e pontos de debate. In: FARIA, Nalu.; MORENO, Renata. (Orgs.) **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 2010, p. 42-56.

MAYALL, Berry. Towards a sociology of child health. **Sociology of Health & Illness**, v. 20, n. 3, 1998, p. 269-288.

MARCHI, Rita de Cássia. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. **Cadernos Pagu**, v. 37, p. 387-406, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200016>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia. **Estudos sociológicos sobre infância no Brasil: crianças sem gênero?** Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2011.

ORTIZ LÓPEZ, Diego Santiago. **O Bento das crianças: o (re)fazer da vida após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG)**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2020.

PAVAN, Beatriz. O Olhar da criança sobre o desastre: uma análise baseada em desenhos. In: VALENCIO, Norma *et al.* (Org.). **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2009. p. 96-106.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n2/a14v36n2.pdf> . Acesso em: 01 out. 2022.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2015.

TRONTO, Joan. **Moral boundaries. A political argument of care**. New York: Routledge, 1993.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

ZELIZER, Viviana. A economia do *care*. In: HIRATA, Helena.; GUIMARÃES, Nadya (Org.). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 15-28.